

AS DUAS HORTÊNCIAS DE MARQUES DE CARVALHO

THE TWO MARQUES DE CARVALHO'S HORTÊNCIAS

Germana Maria Araújo Sales
Doutora em Teoria Literária
Universidade Federal do Pará
(gmaa.sales@gmail.com)

Alan Victor Flor da Silva¹
Mestre em Letras: Teoria Literária
Universidade Federal do Pará
(alan.flor@hotmail.com)

RESUMO: 1888 é considerado, de modo geral, pela crítica literária como o ano do romance naturalista no Brasil, pois várias obras desse gênero foram lançadas nesse mesmo período: **A carne**, de Júlio Ribeiro, **O cromo**, de Horácio de Carvalho, e **Hortência**, de Marques de Carvalho. A partir de uma análise comparada, a crítica literária, no entanto, afirma que essas obras são repercussões ou derivações do romance **O homem**, de Aluísio de Azevedo, lançado nos últimos meses do ano anterior. Objetivamos, com este trabalho, demonstrar que, ao contrário da apreciação crítica de alguns críticos literários, o romance de Marques de Carvalho, particularmente, não sofre influência da obra de Aluísio de Azevedo.

Palavras-chave: Marques de Carvalho. Aluísio de Azevedo. Romance naturalista. Repercussão. Crítica literária.

ABSTRACT: 1888 is considered by critics to be the year when Naturalism became more prolific in Brazilian Literature, for many novels which belong to that genre were published in that period: **A carne**, by Júlio Ribeiro, **O cromo**, by Horácio de Carvalho, and **Hortência**, by Marques de Carvalho. Comparing those works, critics assert they were influenced by the novel **O homem**, written by Aluísio Azevedo and published in 1887. This paper aims to show that Aluísio Azevedo's work, however, was not an influence on Marques de Carvalho's novel.

Keywords: Marques de Carvalho. Aluísio de Azevedo. Naturalism. Influence. Critics.

Considerações iniciais

No ano de 1888, além do romance **O Ateneu**, de Raul Pompéia (1863-1895), foram publicadas três outras obras do mesmo gênero no Brasil que se propuseram a seguir o modelo estético naturalista: **A carne**, de Júlio Ribeiro (1845-1890), **O cromo**, de Horácio de Carvalho (1857-1933), e **Hortência**, de Marques de Carvalho (1866-1910). Nos últimos meses do ano anterior, em 1887, Aluísio de Azevedo (1853-1913), por sua vez, lança **O homem**, romance também escrito aos moldes naturalistas.

¹ Aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará e bolsista CAPES.

O homem, O cromo, A carne e Hortência, especificamente, foram muitas vezes analisados a partir de uma perspectiva comparada por historiadores da nossa literatura, como Sílvio Romero, Lúcia Miguel Pereira, Temístocles Linhares, Massaud Moisés e Luciana Stegagno-Picchio. Sobre essas obras, Sílvio Romero (1980), por exemplo, afirma que **O homem** serviu de modelo para os romances lançados no ano de 1888, à exceção d**O Ateneu**, pois as heroínas dessas obras apresentam muitas semelhanças:

A Carne de Júlio Ribeiro, *O Ateneu* de Raul Pompéia, o *Cromo* de Horácio de Carvalho, a *Hortência* [sic] de Marques de Carvalho foram os principais romances do ano. A eles deve-se juntar *O Homem* de Aluísio de Azevedo, publicado nos últimos meses de 1887. [...] A primeira nota que se impõe ao leitor insuspeito é o ar de próximo parentesco entre todos aqueles livros, exceto *O Ateneu*. Dado o motivo inicial pelo *O Homem*, os outros se afinaram mais ou menos por ele. Os quatro romances são todos de heroínas que se parecem bastante (ROMERO, 1980, vol. 5, p. 1635).

Embora assegure que as protagonistas dessas obras sejam semelhantes, Romero, ao tentar distingui-las, acaba insinuando que das quatro personagens femininas uma se distingue mais. Entre Magdá, Lenita, Ester e Hortência, respectivamente protagonistas dos romances de Aluísio de Azevedo, Júlio Ribeiro, Horácio de Carvalho e Marques de Carvalho, a heroína responsável por atribuir título ao romance do escritor paraense se diferencia demasiadamente das demais, como bem afirma Sílvio Romero:

Estas três heroínas [Magdá, Lenita e Ester] desmancham-se em sonhos estapafúrdios, especialmente as duas últimas. Resta Hortência. Não era sábia como as outras; antes era uma pobre matuta rechonchuda e forte, boa candidata a mais de um homem... A boa diaba, porém, de nervos equilibrados, tem um sonho horroroso, medonho, apocalíptico, só por ter ido a um hospital e conseguir lá um emprego!... Se lhe falta o elemento do preciosismo para aparentar-se às outras, tem o elemento sonho para agarrar-se a elas de unhas e dentes, e mais a facilidade alvar com que se deixou deflorar por seu próprio irmão, que lhe fazia no caso o papel de mestre, não de ciência, mas de coisas da rua e das macaquices e geringonças de um circo de cavalinhos (ROMERO, 1980, vol. 5, p. 1636).

Seguindo o mesmo posicionamento de Sílvio Romero, Lúcia Miguel Pereira (1988) defende que os romances de Júlio Ribeiro, Horácio de Carvalho e Marques de Carvalho foram uma repercussão d**O homem**. Ainda segundo a autora, essa obra de

Aluísio de Azevedo foi recebida com grande admiração, pois foi uma das primeiras a representar cenas licenciosas no enredo, ocorrência que se tornaria muito comum nos romances naturalistas lançados no Brasil:

A Carne, O Cromo e Hortênsia [sic] nada eram além de repercussões de *O Homem* de Aluísio de Azevedo, que, aparecido no ano anterior, causara forte impressão e inaugurara a chocante mistura de tiradas pedantes e cenas escabrosas a que se deu em regra no Brasil o nome de naturalismo (PEREIRA, 1988, p. 127).

Sobre as protagonistas desses romances, a autora também afirma que Hortênsia, Lenita e Ester originaram-se a partir de Magdá:

Lenita é tão inexistente, com o seu corpo demasiadamente exigente, como as incorpóreas heroínas românticas. Como a maior parte das personagens do nosso naturalismo, foi uma romântica às avessas, isto é, construída, não segundo a observação, mas de acordo com fórmulas preestabelecidas, que prescreviam a substituição dos sentimentos pelos instintos. A Ester do *Cromo* é sua irmã gêmea, embora com arroubos puramente imaginários, a Hortênsia [sic], de Marques de Carvalho, só possui a menos o pedantismo. E todas bem de Magda de *O homem* (PEREIRA, 1988, p. 131).

Do mesmo modo como Sílvio Romero e Lúcia Miguel Pereira, Temístocles Linhares (1987), outro crítico que se propõe a tecer um julgamento a respeito dos romances de 1888, reitera que **A carne, O cromo e Hortênsia** são provenientes da obra de Aluísio de Azevedo lançada em 1887. Uma das principais evidências dessa similaridade entre os três romances, segundo Temístocles Linhares, reside no fato de que há uma semelhança muito grande entre as protagonistas:

O mais correto é dizer que tanto **A Carne**, como **O Cromo** e **Hortênsia** [sic] provinham de **O Homem** de Aluísio de Azevedo, publicado um ano antes, isto é, em 1887. As três personagens femininas desses três romances seriam assim como três irmãs gêmeas que sucederam a Magda de **O Homem** (LINHARES, 1987, vol. 1, p. 204).

Mantendo ainda o mesmo posicionamento de críticos e historiadores literários quanto às obras de cunho naturalista lançadas no ano de 1888, Massaud Moisés (1985) repete também que o romance de Aluísio de Azedo, **O homem**, influenciou **A carne, O cromo e Hortênsia**:

1888 parece o “ano brasileiro da histeria”: provavelmente sob influxos dO *homem*, de Aluísio de Azevedo, pelo menos três romances

vinculados à moléstia se publicaram nesta data, *A Carne*, de Júlio Ribeiro, *O Cromo*, de Horácio de Carvalho, e *Hortênsia* [sic], de Marques de Carvalho (MOISÉS, 1985, vol. 3, p. 136).

Ainda nessa mesma perspectiva comparada, Luciana Stegagno-Picchio (2004), apoiando-se em Sílvio Romero, afirma que

A carne, de resto (assim como a *Hortênsia* [sic] de Marques de Carvalho e *Cromo* de Horácio de Carvalho), também nascia do grande tronco de Aluísio de Azevedo, se é verdade, como queria Sílvio Romero, que a Magda de *O homem* servira de modelo para a Lenita de Ribeiro, como para a *Hortênsia* [sic] de Marques de Carvalho e a Ester de *Cromo* (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 260).

A partir do que expusemos até o presente momento, percebemos que o discurso dos nossos mais célebres historiadores demonstra um consenso crítico no que tange aos romances naturalistas publicados em 1888: **A Carne, O cromo e Hortência** provieram da mesma matriz – **O homem**. Além da questão cronológica, visto que o romance de Aluísio de Azevedo foi o primeiro a ser lançado, o único argumento do qual os nossos historiadores se apropriaram está relacionado à semelhança entre as protagonistas dessas obras. No entanto, em nenhum momento, Sílvio Romero, Lúcia Miguel Pereira, Temístocles Linhares, Massaud Moisés e Luciana Stegagno-Picchio promoveram um cotejo entre esses romances naturalistas que leve em consideração uma análise acurada da estrutura narrativa, mas mesmo assim esse discurso permaneceu influenciando os estudiosos que se dedicaram ao exame do Naturalismo no Brasil. Leonardo Mendes (2006), por exemplo, além de assegurar que **A carne, O cromo e Hortência** seguiram o mesmo padrão de objetividade d**O homem**, afirma que as personagens Lenita, Ester e Hortência saíram do mesmo molde ou da mesma matriz, pois se originaram a partir da heroína Magdá:

Nos últimos meses de 1887, Aluísio de Azevedo havia publicado o romance *O homem*, cuja heroína Magda pode ser considerada o molde de onde saem Lenita, Ester e Hortência. [...] Disponibilizando a matriz de onde saíram outros romances do ano, com exceção de *O Ateneu*, o que o autor queria dizer era que esse era seu primeiro romance de estudo científico. *A carne* e *Hortência* pretendiam seguir o mesmo padrão de objetividade e *O cromo* chegava a ponto de fornecer notas explicativas de rodapé e desenhos ilustrativos (MENDES, 2006, p. 140).

Nessa mesma perspectiva, Marcelo Bulhões (2003) é outro crítico que defende que **O homem** influenciou os três romances naturalistas publicados no ano de 1888: **A carne, O cromo e Hortência**:

O Homem, de Aluísio de Azevedo, assume o destaque por ter influenciado uma série de outros romances, entre os quais, *O Cromo*, *Hortência* e *A Carne*, lançados no ano seguinte à sua publicação. E a influência é evidente. O romance era o primeiro a apresentar um “estudo” de uma moça histórica, o olhar da ciência devassando desejos eróticos sempre mal direcionados, frustrando-se, adquirindo contornos mornos e assumindo uma feição monstruosa (BULHÕES, 2003, p. 126).

A partir da recuperação desses juízos críticos, é possível percebermos que a crítica literária, de modo geral, desde o lançamento dessas obras até os dias hoje, tem difundido um discurso que defende **A carne, O cromo e Hortência** como produções derivadas d**O homem**, de Aluísio de Azevedo, sobretudo pelo fato de que as protagonistas Lenita, Ester e Hortência são muito parecidas com Magdá. Há mais de um século, portanto, esse discurso vem se propagando nas histórias literárias e tem sido assimilado por críticos no Brasil mais contemporâneos. No entanto, Sílvio Romero (1980) já nos mostra que Hortência, em particular, é uma heroína que apresenta um perfil que se distancia muito das demais personagens, assim como também cremos que o romance de Marques de Carvalho mantém no máximo uma relação tênue com as obras de Aluísio de Azevedo, Júlio Ribeiro e Horácio de Carvalho.

Hortência: a obra

Assegurar que romances como **O cromo, A carne e Hortência** provieram, procederam, derivaram-se ou originaram-se d**O homem** não é, com efeito, o mesmo que afirmar que essas três obras são cópias, reproduções, imitações ou plágios. Esses termos (“provir”, “derivar”, “proceder”, “originar-se”, entre outros), no entanto, implicam uma suposta ausência de originalidade e, por conseguinte, acabam por relegar os romances de Horácio de Carvalho, Júlio Ribeiro e Marques de Carvalho a um lugar periférico no âmbito da história da literatura brasileira. Esse fato, conseqüentemente, atribui a eles ainda um estatuto não canônico, pois passam a ser vistos como obras menores, sem importância e sem valor literário-estético.

É evidente que há muitas semelhanças entre **O homem**, **O cromo**, **A carne** e **Hortênci**a, pois todos esses romances estão vinculados à estética naturalista, possuem personagens femininas como protagonistas, descrevem com riqueza e exagero de detalhes as cenas de relação sexual e, segundo Nelson Werneck Sodré (2002), são estudos de casos de histeria. É possível assegurarmos que **Hortênci**a, no entanto, é a obra que mais se diferencia das demais, de tal modo que podemos afirmar que o romance de Marques de Carvalho apresenta mais características divergentes do que convergentes. Um dos principais aspectos de distinção reside na escolha do espaço ficcional para ambientar o enredo da narrativa.

Segundo José Veríssimo (1978), para que seja possível estudar os fatos literários no Brasil, é necessário observarmos, em primeiro lugar, o “sentimento de nacionalidade” ou o “temperamento nacional” nas obras e, conseqüentemente, nos autores, uma vez que essa é a única maneira de a literatura brasileira se distinguir da portuguesa. Tomando como base esse princípio, o crítico afirma que os romances naturalistas **O homem**, **A carne** e **Hortênci**a não tiveram êxito nesse quesito, pois não representaram satisfatoriamente a realidade brasileira, assim como o povo, a sociedade, os costumes e as características nacionais.

Sobre o sentimento de nacionalidade em relação a **O homem**, Veríssimo defende que

O livro do Sr. Aluísio de Azevedo, qualquer que seja o seu mérito, e certamente é grande, no ponto de vista da arte pela arte, fica sem valor como fator de determinação do caráter nacional. Ele não diz nem a natureza nem a vida brasileira (VERÍSSIMO, 1978, p. 200).

O enredo do romance de Aluísio de Azevedo é ambientado em dois locais distintos do Rio de Janeiro: um na Praia de Botafogo e outro na Tijuca. Na primeira parte da narrativa, Magdá, a protagonista, morava com o pai, o senhor conselheiro Pinto Marques, e com uma velha tia chamada Camila, numa casa situada no bairro da Praia de Botafogo. A mudança de espaço ficcional, que coincide com a segunda parte da narrativa, ocorre em razão do agravamento dos sintomas de histeria em Magdá e, por essa razão, a protagonista, a conselho do doutor Lobão, é obrigada a se mudar com a família para um sobrado, localizado numa chácara no bairro da Tijuca, para que pudesse respirar ares mais campestres. Porém, ainda que o Rio de Janeiro seja o lugar onde a narrativa se desenvolve, o enredo d**O homem**, uma vez que

privilegia, sobretudo, a doença que a heroína aos poucos desenvolve, se passa quase exclusivamente no ambiente doméstico, em meio ao convívio familiar. Dessa forma, podemos concordar com José Veríssimo quando esse famoso crítico literário brasileiro afirma que Aluísio de Azevedo não se preocupou adequadamente com o sentimento de nacionalidade nessa obra, pois privilegiou tanto o caso de histeria de Magdá que os aspectos nacionais ficaram restritos a um plano periférico na configuração desse romance.

Quanto à questão nacional em relação ao romance de Marques de Carvalho, Veríssimo assegura que

*A Hortênci*a, passando-se exclusivamente entre gente que não nos pode interessar, em um meio a cuja vida somos estranhos e que nenhuma característica forte distingue e destaca, que não representa uma feição particular da vida brasileira, mesmo tratado com mais individualidade e menos *parti pris* da escola, não é ainda o romance brasileiro tal qual a escola naturalista, mais do que outra qualquer, podia dar-nos (VERÍSSIMO, 1978, p. 202).

Segundo Leonardo Mendes (2000), a crítica literária, de modo geral, tem feito uma leitura dos romances brasileiros vinculados ao movimento naturalista quase exclusivamente pautada no cientificismo e no positivismo. Esse aspecto, embora não esteja necessariamente equivocado, revela um reducionismo na análise das obras naturalistas, que, por conseguinte, são relegadas a um lugar periférico no âmbito da história da literatura brasileira. Contrapondo-se, portanto, a essa perspectiva reducionista, o autor defende que, por mais que esses elementos, com efeito, estejam nelas presentes, o Naturalismo no Brasil foi muito mais que um modelo importado da Europa. Conforme Leonardo Mendes, uma das grandes contribuições do Naturalismo refere-se ao fato de que grupos sociais antes marginalizados, não apenas socialmente como também literariamente, passaram a ser representados pela primeira vez na literatura, como negros, pobres, mulatos e homossexuais.

Tomando como base o estudo de Leonardo Mendes, podemos afirmar que **Hortênci**a, em relação ao romance de Aluísio de Azevedo, é uma obra que exhibe classes sociais que antes não tinham representação social nem literária. Em vez de personagens que pertencem à elite local, que exibem seu poder de riqueza, que frequentam bailes, teatros e festas, que conhecem música erudita, que leem e discutem literatura e que gozam de uma posição social privilegiada na sociedade,

como médicos, advogados, poetas e negociantes, além de mulheres e moças requintadas, instruídas e educadas, **Hortência** é um romance que representa não apenas uma cidade de Belém ainda subdesenvolvida e decadente que ainda não conheceu o processo de desenvolvimento proporcionado pela economia gomífera, como também membros de uma classe social marginalizada, como mulatos, lavadeiras, prostitutas, vendedoras de açaí, sapateiros, aguadeiros e homens vadios.

Enveredando-se por essa mesma perspectiva de análise, Eidorfe Moreira reconhece que **Hortência** é um romance essencialmente de mulatos. Conforme o autor, Marques de Carvalho “quis fazer do mulato o tipo popular mais inclinado à malandragem e às aberrações sexuais” (MOREIRA, 1997, p. 14). No enredo dessa narrativa, Lourenço, por exemplo, é a personagem mais representativa desse grupo, pois “era um vadio consumado, um desses gênios essencialmente paraenses, – voluptuoso, amigo da boa vida, dos dias inteiros passados na rede, abraçado à viola, tocando melopeias fáceis, acompanhadas pela monotonia do ranger dos esses nos ganchos das paredes” (CARVALHO, 1997, p. 39).

Desse modo, discordamos de José Veríssimo, uma vez que o crítico paraense não atentou para o fato de que a cidade de Belém do século XIX não apenas foi escolhida para ser palco do enredo do romance de Marques de Carvalho, como atua no desenvolvimento dessa narrativa como um componente substancial e central, pois no decorrer de toda a narração o espaço ficcional recebe uma notoriedade significativa. Aliás, é importante e muito significativo ressaltarmos que **Hortência**, como bem afirma Eidorfe Moreira (1997), é a primeira obra do gênero romanesco a representar ficcionalmente a capital paraense.

No início do romance, por exemplo, há um momento em que a personagem Hortência sai de casa à procura de um emprego como enfermeira no hospital da Santa Casa de Misericórdia. Nessa longa passagem, o narrador descreve minuciosamente o caminho por onde perpassa a protagonista e, conseqüentemente, oferece para o leitor uma visão panorâmica da cidade de Belém oitocentista. Vejamos:

Poderiam ser 9 horas do dia. Um resplendente sol jubiloso atravessava ufano as vastidões do infinito, cobertas dum imaculado azul-claro, muito indefinido e vago, produtor de uma saudosa e doce tranquilidade do espírito. Às margens da estrada, em grandes trechos de terrenos desprovidos de construções, cobertos de baixos e úmidos matagais, farfalhavam misteriosamente viridantes ramarias bonitas,

esvoaçavam borboletas de variadas matizes, zumbiam rumorejantes e traquinas insetos de asas transparentes e cintilantes dorsos. Mulheres seguiam rua abaixo ou rua acima, conduzindo trouxas, balaios, baldes ou embrulhos. Alguns homens, brancos ou mulatos, caminhavam também apressados, de guarda-sol aberto, resguardando-se das ardências solares. Parecia andar pelo espaço um grande sopro animador de atividade operosa e benéfica, fermentadora de ocultos, desconhecidos germens de trabalho e restauração duma sociedade inteira: até as formigas andavam aos milhares pelo chão, entre a relva, à margem da estrada, numa ativa labutação de ganancioso, de avarento insaciável, que não está disposto a perder um só instante em uma alta reparadora de forças. Os poucos prédios da estrada, do lado fronteiro àquele por onde seguia Hortência, estavam todos banhados de sol, apresentavam festiva aparência alegre, davam conforto e animação àquele formoso firmamento de verão livre de nuvens, unicamente repleto em toda a sua ilimitada extensão dos interminavelmente longos raios do sol, que parecia continuar impávido a marchar para o ocidente, em virtude da visível rotação da terra. E a par de tudo isto um perfume de eloendros e jasmims do Cabo afluía do norte, com o vento, filtrando-se nas palpitantes narinas de Hortência [...]. Bem depressa chegou ao lado do cemitério da Soledade – muito sossegado e alegre, na paz dos seus túmulos de mármore, cobertos de musgo, todos inundados de sol, no meio de tufo de folhagens estreladas de flores variegadas em matizes (CARVALHO, 1997, p. 45-46).

Além de descrever a cidade de Belém de forma panorâmica, a obra de Marques de Carvalho revela as condições da casa onde moram os principais personagens desse romance: Maria, Hortência e Lourenço:

No meio da estrada da constituição, numa pobre choupana de barro e teto de palha seca – choupana de pequena sala apenas mobiliada por quatro ou seis cadeiras velhas, desvernizadas e desconjuntadas, uma espécie de alcova acanhadíssima, uma varanda, dois quartos e uma cozinha, seguida de apocopado quintal sem árvores, apenas ocupado ao fundo por uma estreita latrina independente – vivia uma dessas famílias de mulatas pobres, formada por três membros: mãe, filho e filha (CARVALHO, 1997, p. 39).

Podemos perceber que o romance de Marques de Carvalho exhibe personagens que vivem em condições muito humildes. A partir da descrição feita pelo narrador, o local onde moram Maria, Lourenço e Hortência, por exemplo, não ostenta nenhum tipo de luxo ou riqueza, pois os três moram numa pobre choupana de barro e teto de palha seca, onde fica nítida a escassez de móveis. É importante enfatizarmos que esse tipo de habitação, contudo, está de acordo com a classe social a que pertencem essas personagens. No romance de Aluísio de Azedo, a família de Magdá,

em contrapartida, habita uma casa que ostenta conforto e refinamento, além de uma abundância de compartimentos, móveis, estátuas, vasos e objetos de arte. A exuberância e a ostentação da casa onde moram o conselheiro, Magdá e d. Camila são indícios da condição social da qual desfrutam.

O homem, porém, é um romance representativo de outro grupo social menos favorecido. Na segunda parte da narrativa, em que Magdá se muda com a família para a Tijuca, em razão do agravamento de seu estado histórico, entram em cena na economia da obra os cavouqueiros, homens que trabalhavam numa pedreira, localizada defronte do quarto em que estava alojada a protagonista, que havia adquirido a mania de passar diversas horas a observá-los em serviço da janela.

Uma das suas manias era pôr-se à janela do quarto e aí permanecer horas e horas esquecidas, a ver o serviço da pedreira que ficava defronte, olhando muito entretida para os cavouqueiros, e ouvindo a toada que eles gemem quando estão minando a rocha para lhe lançar fogo. Parecia gostar de ver os trabalhadores; como que lhe aprazia aquela rica exibição de músculos tesos que saltavam com o peso do macete e furão de ferro, e daqueles corpos nus e suados, que reluziam ao sol como se fossem de bronze polido (AZEVEDO, 2003, p. 72).

É interessante ressaltarmos, contudo, que na obra de Aluísio de Azevedo os cavouqueiros, cujo principal representante desse grupo social é Luís, um moço vigoroso e belo com o qual Magdá passa a ter vários sonhos eróticos, não ocupam o centro da narrativa, pois ganham pouco relevo em meio à intriga. Diferentemente de **O homem**, podemos afirmar que **Hortência**, em contrapartida, é um romance composto apenas por grupos sociais marginalizados, pois não há nenhuma personagem que pertença a uma categoria privilegiada da sociedade.

Outro ponto que aproxima e, ao mesmo tempo, distancia os romances **O homem** e **Hortência** reside no fato de que ambos abordam um caso de incesto. Na obra de Aluísio de Azevedo, Magdá e Fernando são amigos e companheiros de infância. Desde muito cedo, habituaram-se à ideia de que sempre pertenceriam um ao outro. Quando Magdá nascera, Fernando tinha cinco anos e já morava na casa do conselheiro Pinto Marques. O rapaz, segundo o que todos sabiam, era um afilhado que o pai da protagonista adotara por compaixão. O casamento entre os dois jovens apenas não foi possível porque Fernando era filho bastardo do conselheiro e,

consequentemente, irmão de Magdá. Depois de feita a revelação, os dois jovens renunciam ao amor que sentiam um pelo outro.

O caso de incesto entre Magdá e Fernando restringiu-se apenas a uma relação afetiva e amorosa que não chegou a ser consumada pela união carnal. Além disso, é importante ressaltarmos também que o amor entre os filhos do conselheiro não chegou a ser o centro temático da obra de Aluísio de Azevedo, pois esse episódio ficou restrito apenas aos quatro primeiros capítulos do romance. Desse modo, podemos assegurar que o tema principal d**O homem** é o desenvolvimento do caso de histeria de Magdá.

No romance de Marques de Carvalho, por sua vez, Hortência e Lourenço são dois irmãos mulatos e filhos de uma lavadeira que se chamava Maria. Numa madrugada em que não conseguia dormir, Lourenço começou a pensar nas bonitas formas virginais e no corpo apetitoso da irmã. Não podendo mais conter-se, o mulato voluptuoso vai até ao quarto de Hortência e bate à porta, alegando uma dor no ventre. Hortência, acreditando na farsa, abre-a e começa a passar as mãos por baixo da camisa do irmão e o contato com a pele deixa-o excitado, de tal modo que a consumação da relação sexual e incestuosa se torna inevitável.

Diferentemente d**O homem**, em que o episódio de amor entre os irmãos Magdá e Fernando não é o tema central do enredo, o caso de incesto entre os filhos da lavadeira, no romance de Marques de Carvalho, percorre toda a narrativa, pois a relação entre os dois irmãos não se restringe apenas a uma única relação sexual. Hortência e Lourenço apaixonam-se um pelo outro e o fruto do amor entre esse jovem casal foi o filho Miguel. No início, os irmãos incestuosos amaram-se perdidamente, mas, em razão do perfil desregrado de Lourenço, os momentos felizes depois acabaram e levaram ao final trágico do romance, quando Hortência é assassinada pelo homem a quem se uniu numa relação incestuosa e por quem depois se apaixonou.

Hortência: a personagem

Se há entre os romances de Marques de Carvalho e Aluísio de Azevedo muitas diferenças, maior ainda é a distinção entre as personagens Magdá e Hortência. As duas protagonistas vivem em condições sociais e econômicas díspares, possuem

níveis de instrução diversas e lidam de maneiras diferentes com os aspectos internos (o fisiológico) e externos (o social).

A questão econômica é um fator que, com efeito, distingue os romances **O homem** e **Hortência** e reflete no nível de instrução e de conhecimento dessas personagens, de tal modo que podemos afirmar que Magdá, em razão da favorável condição econômica e social de sua família, teve uma educação mais privilegiada do que Hortência. A protagonista do romance de Aluísio de Azevedo, quando atingiu a idade adequada, entrou como pensionista num colégio de irmãs de caridade, onde deve ter aprendido a ler e a escrever. Logo quando o deixou, começou a estudar três horas diárias em casa com o irmão Fernando, que lhe dava lições de preparatórios. Além disso, tocava piano e era muito afeita ao canto, à dança e à pintura. Algumas passagens da obra também demonstram que Magdá tinha o costume de ler. Quando começou a dedicar-se mais às questões religiosas e espirituais, por exemplo, adquiriu a prática da leitura intensiva²:

lam-se-lhe agora os dias quase que exclusivamente consumidos na leitura, lia mais que dantes, muito mais, sem comparação, mas tão somente livros religiosos ou aqueles que mais de perto jogavam com os interesses da igreja; gostava de saber as biografias dos santos, deliciava-se com a “Imitação de Jesus Cristo”, e não se fartava de ler a Bíblia, o grande manancial da poesia que agora mais a encantava (AZEVEDO, 2003, p. 60).

A protagonista do romance de Marques de Carvalho, por sua vez, aprendeu a ler e a escrever um pouco com uma professora numa escola pública, mas não era muito habilidosa na prática da leitura e da escrita. Numa passagem do romance, por exemplo, há um momento em que Hortência lê para sua mãe um anúncio no jornal **Diário do Gram-Pará** soletrando as palavras, fato que demonstra sua inabilidade na prática da leitura. Além disso, é importante ressaltarmos que o narrador, quando descreve detalhadamente o quarto da protagonista, não menciona em nenhum momento a presença de livros nesse local.

² Segundo Roger Chartier (1999), a leitura intensiva está restrita a um universo limitado de escritos. Eles podem ser lidos e relidos, memorizados e recitados, possuídos e transmitidos de uma geração para outra. Esse estilo de leitura, geralmente, é formado por uma relação religiosa com textos sagrados e está profundamente impregnado de sacralidade e autoridade. A leitura extensiva, em contrapartida, está relacionada a uma prática consumidora de muitos textos, de tal modo que é possível passar com desenvoltura de um ao outro, sem conferir sacralidade a nenhum.

Essas pequenas evidências presentes nos romances de Aluísio de Azevedo e Marques de Carvalho demonstram que o nível de educação dessas duas personagens, em razão da distinção econômica e social, diverge bastante. Enquanto Magdá, por um lado, é uma ávida leitora e uma conhecedora de música e de artes, Hortência, por outro, mal havia aprendido a ler e a escrever. É por essa razão que Sílvio Romero (1980) afirma que a protagonista do romance de Marques de Carvalho não pode ser comparada em nível de formação com Magdá, Lenita e Ester.

Outro aspecto que diferencia as heroínas Hortência e Magdá reside no fato de que ambas reagem de maneiras diferentes em relação aos próprios instintos e ao próprio destino. Para discutirmos essa questão, precisamos primeiramente recorrer a um estudo proposto por David Baguley, que discorre, entre outros assuntos, sobre as categorias de textos naturalistas produzidos por vários escritores franceses, como Émile Zola (1840-1902), Paul Bonnetain (1858-1899), Paul Alexis (1847-1901), Paul Adam (1862-1920), Camille Lemonnier (1844-1913), Joris-Karl Huysmans (1848-1907), entre outros.

Basicamente, Baguley divide o romance naturalista em duas categorias: a primeira corresponde ao tipo “trágico” (naturalismo de luta) e a segunda ao tipo “cômico” (naturalismo de resignação) (BAGULEY, 1995). Nos textos naturalistas de tipo “trágico”, os protagonistas lutam em vão contra a sorte, contra a hostilidade do meio e contra a corrupção que carregam dentro de si mesmos. Dessa forma, os aspectos biológicos e sociais exercem uma força incomum que sempre será maior que a vontade dessas personagens (BAGULEY, 1995). Nos textos naturalistas de tipo “cômico”, os protagonistas, em contrapartida, tornam-se espectadores, pois, em vez de resistirem, conformam-se e assistem passivamente ao desenrolar de suas próprias vidas. Nessa categoria, portanto, não há luta, mas resignação. Nesse sentido, a desilusão das personagens está no centro da temática desse tipo de texto, cuja intriga transmite uma concepção de vida das personagens caracterizada pela inércia, pela lassitude, pelo abatimento, pelo desgosto e pela resignação (BAGULEY, 1995).

A partir dos apontamentos de David Baguley, podemos assegurar que, enquanto Magdá está para o naturalismo trágico (de luta), Hortência está para o naturalismo de resignação. Nesse sentido, a protagonista do romance de Aluísio de Azevedo apegou-se à vida religiosa e a Cristo para conter os instintos da carne, mas

não obteve êxito nesse aspecto, pois essa repreensão acarretou-lhe o agravamento dos sintomas de histeria e a manifestação de sonhos eróticos com o cavouqueiro Luís.

Quando ficava em frente a uma imagem do filho de Deus, Magdá, por exemplo, apreciava por várias horas as formas físicas e a nudez do corpo de Cristo. Contemplá-lo, porém, provocava-lhe estranhas conjecturas e maus pensamentos e, por essa razão, corava de vergonha em razão de sua própria imaginação. Nesse sentido, podemos assegurar que a figura de Cristo não é vista pela protagonista apenas pelo aspecto sagrado, mas também pelo aspecto viril e carnal, uma vez que Magdá o escolheu como o homem a quem poderia dedicar todo o seu amor, por considerá-lo o mais perfeito, o mais digno, o mais puro e o mais merecedor de todos. Desse modo, Cristo era o homem que a heroína do romance de Aluísio de Azevedo queria para esposo e amante:

Corria a tomar nas mãos a imagem de Cristo, e abraçava-a, e cobri-a de beijos, soluçando e murmurando: “Meu amado, meu irmão, meu esposo!” E dizia-lhe em segredo, num delírio crescente: “Eu sou a tua pomba imaculada; sou o mel de que teus lábios gostam; sou o leite fresco e puro com que tu te acalmas; tu és o vinho com que me embriago!” (AZEVEDO, 2003, p. 61).

Quando percebeu que o estado de saúde da filha estava piorando, o conselheiro Pinto Marques a proibiu de ir à igreja, mas a protagonista não o obedeceu e continuou a fazer visitas secretas ao templo. Esses passeios lhe proporcionavam um irresistível encanto de fruto proibido e faziam com que ela sentisse entrando no esconderijo de um amante. Quando as visitas clandestinas à igreja com a tia foram descobertas e Magdá ficou privada de ir às entrevistas com Cristo, a protagonista foi tomada por um grande desgosto e os sintomas de histeria logo se manifestaram, como as convulsões e uma febre que não se subordinava a nenhum medicamento.

O agravamento do estado histórico de Magdá foi o motivo que levou o conselheiro Pinto Marques a mudar-se para a Tijuca, onde a heroína conhece o cavouqueiro Luís, com o qual passa a ter sonhos eróticos. O pedreiro é um rapaz simples, trabalhador e humilde que mantém ainda um relacionamento com Rosinha, com quem se casa depois. A relação existente entre Luís e Magdá ocorre apenas nos sonhos, pois na realidade os dois mantiveram pouco contato, que se manifestou sempre de modo formal e distante.

A doença da protagonista aluisiana chega ao ápice quando não consegue mais distinguir a diferença entre o sonho e a realidade. Nesse sentido, podemos afirmar que Magdá é uma típica personagem naturalista, pois passa a ser dominada por forças externas e perde completamente o domínio sobre os próprios desejos, sobre os próprios pensamentos e sobre os próprios atos, de tal modo que a personagem de Aluísio de Azevedo chegou ao extremo de envenenar Luís e Rosinha ao final do romance, pois acreditou que o cavouqueiro, seu marido apenas nos sonhos, estava lhe sendo infiel.

Hortência, por sua vez, é a protagonista de um romance naturalista, mas podemos assegurar que sua relação com os aspectos externos, quando é comparada com a situação de Magdá, manifesta-se de uma maneira diferente. Hortência tinha consciência de que vivia em um meio favorável à libertinagem e aos vícios e, em razão dos conselhos da mãe e de uma professora que lhe ensinara um pouco a ler e a escrever, ainda se conservava pura e almejava entregar-se apenas ao homem que a amasse e que estivesse disposto a desposá-la. Por mais que desejasse manter-se casta, a protagonista foi vítima dos desejos libidinosos do próprio irmão, Lourenço, um vadio consumado e voluptuoso. No entanto, apesar de ter sido deflorada, percebemos no decorrer do romance que a personagem feminina central do romance de Marques de Carvalho apaixona-se pelo homem que violou a sua castidade.

Antes de ser possuída sexualmente, a mulata não aprovava o estilo de vida desregrada que o irmão levava. Entretanto, depois de tornar-se enfermeira da Santa Casa de Misericórdia, Hortência e a mãe foram convidadas por Lourenço para ir a um circo que tinha chegado há poucos dias à cidade de Belém. Segundo Marcelo Bulhões (2003), esse episódio rompe com a monotonia do cotidiano da personagem, pois a jovem enfermeira esqueceu-se por algum tempo da vida real e de todas as tristes cenas da sua existência na Santa Casa de Misericórdia e aproveitou o inesperado divertimento que lhe proporcionara o irmão. Nesse dia, a mulata passou a enxergá-lo com outros olhos e de uma maneira diferente.

Um sentimento de gratidão ergueu-se-lhe no espírito para com Lourenço. Levantou os olhos, cravou-os no rosto do rapaz. Achou-o simpático, bonito quase, diferente do que lhe tinha parecido até ali, pela influência da predisposição otimista em que se achava. Contemplou-o longamente, amavelmente, analisando-lhe com vagar e insistência as linhas todas do semblante, combinando traços e

traços, feições com feições, estranhamente, como se tentasse, num esforço atlético do espírito obediente à vontade, cravar nos refolhos da alma a fisionomia do irmão. Era um renascimento completo no seu modo de encarar Lourenço. Sentia-se complacente, disposta a esquecer as tolices do doidivas, com a necessidade de perdoar tudo, na largueza incomparável do seu bondoso coração. (CARVALHO, 1997, p. 76)

É possível observarmos que Hortência põe mais em evidência os traços físicos do que o gesto generoso de Lourenço, de tal modo que o mulato parece ter sido valorizado pela jovem enfermeira mais por sua figura masculina do que por sua figura fraterna. Essa nova visão que Hortência passou a ter de Lourenço demonstra, portanto, que a mulata já tinha uma predisposição para enamorar-se pelo próprio irmão.

No dia em que manteve relações sexuais com Lourenço pela primeira vez, Hortência demonstra uma ingenuidade por não saber bem ao certo os verdadeiros interesses e caprichos do irmão. A protagonista, contudo, já conhecia “todos os segredos dos sexos, em resultado da liberdade completa em que fora criada e do meio em que tinha vivido” (CARVALHO, 1997, p. 48). É por essa razão que a ingenuidade da jovem enfermeira deve ser encarada, senão como dissimulação, pelo menos minimamente com certo receio. Além disso, para corroborar que a mulata não manteve relações sexuais com Lourenço a contragosto, Hortência não demonstra ter nenhum tipo de resistência aos anseios e às investidas do irmão.

Após o primeiro envolvimento sexual com Lourenço, Hortência reflete muito a respeito do que lhe aconteceu e das consequências que a ação do irmão poderia lhe trazer. Porém, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que dele sente raiva, a mulata tenta justificar a proeza de Lourenço. Primeiramente, acredita que deve perdoá-lo por ser difícil resistir à beleza de suas formas tão estonteantes:

O arrojo do irmão tomava agora umas certas proporções de heroísmo amoroso, feito em homenagem à beleza triunfal das suas irrepreensíveis formas tentadoras. Desculpava-o por isso, com uma benignidade doce no fundo negro dos grandes olhos vivos (CARVALHO, 1997, p. 84).

Em seguida, Hortência defende que se sentia orgulhosa por finalmente considerar-se uma mulher de verdade e por não ignorar mais os segredos do sexo.

Além disso, tenta conceber o sexo como um ato natural, praticado por todos os homens, independentemente da classe social:

Além disso, uma espécie de orgulho invadia-a – com o fresco da noite quase fechada – por ter, finalmente, passado pela imolação natural do seu sexo utilizado. E então? Que tal? Era uma verdadeira mulher, completa, sem defeitos, sem ignorar nada! E alegrava-se com semelhantes ponderações, reconstruindo na mente a cena da véspera, na tranquilidade noturna do seu pequenino quarto de virgem. Fizera acaso algum mal? Pois aquilo não estava a dar-se por aí todos os dias, em presença do mundo indiferente? E ela – sim ela – como tinha sido criada, se não daquele modo? E o irmão, e mãe e toda a gente? O mundo era aquilo: a constante empresa da reprodução das espécies funcionando em todas as engrenagens das camadas sociais. A sorte era onipotente. A sua sina era aquela: conformar-se-ia (CARVALHO, 1997, p. 85).

Finalmente, a enfermeira consolava-se por ter perdido a virgindade com o irmão, alguém que a apreciava, em vez de entregá-la a um homem qualquer, que se vangloriasse pelo êxito de seu ato infame:

A enfermeira deixou-se apoderar de uma tristeza doce e tranquila ao rodeá-la a escuridade. Era desgraçada agora, sem a sua virgindade, mas consolava-se, todavia, porque a perdera com um irmão que a estimava, em vez de dá-la totalmente a qualquer vagabundo das estradas, que fizesse alarde da sangrenta vitória... (CARVALHO, 1997, p. 86).

Após a segunda vez em que se envolveu sexualmente com o irmão, percebemos que, ao contrário de uma personagem tipicamente naturalista, que luta sem êxito contra o ambiente e contra os próprios desejos, Hortência, sem nem sequer titubear e sem nenhuma forma de arrependimento, aceita o que lhe reservara o destino:

A rapariga sentia-se maldisposta, com uma pontinha de náusea remexendo-lhe o estômago, revoltada pelos excessos viris daquele insaciável macho que ali estava diante dela, a conversar naturalmente, olhando-a sem segundo-sentido, contando à mãe o que observara na mata e dando-lhe, a tal respeito, as impressões próprias com uma tranquilidade satisfeita de homem saciado de gozo, feliz no abastecimento. Passavam-lhe pela mente, ainda atônita, as peripécias do dia, no Marco da Légua. E insensivelmente admirava-se do arrojo de Lourenço, da sua constância, da pertinência com que a desejara e solicitara até conseguir possuí-la de novo, em pleno ar, como as bestas-feras no cio, rolando pelo chão em paroxismos do gozo requintado. Não havia como fugir ao destino, representado naquele homem fatal, que sobre ela começava a exercer tão salientada

preponderância. A sua sorte já estava traçada, com certeza, pelo poder que regula todos os movimentos humanos, independentemente da vontade. A sua superstição levantava-se mais uma vez cheia de força, vitoriosa e enervante, a dar-lhe uma compreensão piegas e desfalecida do futuro. Não poderia fugir ao domínio dessa força sobrenatural, que ela previa irresistível, a dispor livremente da sua existência. Que fazer? Havia de resignar-se a tudo, numa passividade de inconsciente, obedecendo à disposição celestial da divindade. Agora, que a possuía novamente o irmão, entregar-se-ia a ele, sem forças para reagir, perseguida como estava pelo pavor do incognoscível, da misteriosa superstição fanática e boçal que a empolgava toda inteira, aprisionando-lhe o entendimento e a vontade. Fizesse o que Deus mandasse! (CARVALHO, 1997, p. 115-116).

Diferentemente de Magdá, que sucumbe por não conseguir repreender os seus pensamentos mais libertinos e os seus desejos mais arraigados, Hortência, ao perceber que não conseguiria lutar contra o seu próprio destino, aceitou, sem nem sequer hesitar e sem sentir nenhuma forma de remorso, a relação sexual e amorosa com Lourenço. A protagonista, ao admitir para si mesma que não poderia fugir da sorte que lhe convinha, ainda expôs a inutilidade de seus esforços para resistir ao domínio que o irmão sobre ela exercia.

Depois de aceitar o próprio destino, a jovem mulata entregou-se e doou-se ao homem que amou: “Daquele domingo em diante começou uma vida nova para ambos. Amaram-se e procuraram-se como dois esposos” (CARVALHO, 1997, p. 116). Nessa passagem, fica evidente que Hortência, inicialmente, não concebeu a relação afetiva com o irmão como um fardo nem como uma fatalidade. A partir de tudo que expusemos até a presente ocasião, é possível afirmarmos, portanto, que o homem responsável por violar a castidade da protagonista do romance de Marques de Carvalho era o mesmo pelo qual a rapariga posteriormente havia se apaixonado. Acreditamos, por conseguinte, que a entrega da rapariga, nesse primeiro momento, ao próprio destino não deve ser compreendida como um conformismo nem como um infortúnio, mas sim como uma aceitação dos próprios desejos e do amor que sentia pelo irmão.

A jovem enfermeira, ao aceitar o devido destino, obteve, a princípio, apenas alegrias na sua vida, pois tinha ao seu lado um amante exemplar, fiel e carinhoso. Lourenço, em razão do júbilo e do gozo que Hortência lhe proporcionava, havia deixado de ser um vadio consumado e tornou-se um trabalhador assíduo; mimoseava a irmã com presentes refinados (roupas, vestidos e lãs da moda); satisfazia-lhe todos

os caprichos; proporcionava-lhe divertimentos e prazeres a fim de trazê-la sempre recreada, contente e absorvida de satisfação; acompanhava-a todas as segundas-feiras até a Santa Casa de Misericórdia; abdicara da vida boêmia; chegava cedo em casa todas as noites e visitava-a durante a semana no hospital, sob o pretexto de levar-lhe qualquer objeto a pedido da mãe. Desse modo, podemos assegurar que Hortência, por mais que – no início – não quisesse se submeter às investidas sexuais do irmão, não aceita a própria sorte por não conseguir vencê-la, mas sim por desejá-la profundamente.

Contudo, após os primeiros meses da gravidez, os momentos de felicidade de Hortência foram sendo substituídos, aos poucos, pelos momentos de tristeza. Depois que a mãe descobriu a relação incestuosa dos filhos e saiu de casa sem nem sequer avisá-los, Lourenço “andava enfasiado da longa viuvez em que vivia, solitário durante a semana quase inteira, na velha cabana abandonada pela velha e onde só aos domingos a presença de Hortência dava nota jovial da sua mocidade robusta e fartamente desenvolvida” (CARVALHO, 1997, p. 145). Muito afeito à vida de excessos, vadiagem e boemia, o mulato “começava a perder o bom sabor que em princípio tinha encontrado no sossego do seu isolamento” (CARVALHO, 1997, p. 145). Em razão da monotonia à qual se encontrava preso, sentia-se enfadado e taciturno na solidão tranquila da choupana onde morava e, por essa razão, “uns pruridos de recrear-se começaram, enfim, a chegar-lhe, após alguns meses de habitação na casa, sem companheiros efetivos” (CARVALHO, 1997, p. 145). Para piorar a situação na qual Lourenço estava imerso, Hortência, cujo ventre se aviltava mais à medida que o termo da gravidez se aproximava, “fazia-se mais aborrecida, mais contristada, quase banal, toda desprendida e indiferente para os gozos elevados, a lastimar-se a toda hora, melancolicamente, com o desconsolo de quem se sabe perdido para sempre” (CARVALHO, 1997, p. 145). Além disso, o mulato já não se sentia mais como antes atraído pela irmã, pois passou a achá-la “desairosa, habituado, afinal, a vê-la com sua extraordinária proeminência abdominal que em princípio fora para ele deliciosa surpresa” (CARVALHO, 1997, p. 145).

Desse modo, em razão da monotonia, da solidão e da falta de sexo, não demorou muito para que a “libérrima natureza de homem criado sem peias” (CARVALHO, 1997, p. 154) de Lourenço se revoltasse e fosse despertada. O mulato dirigia à irmã frases rudes pelas mais pequeninas faltas; apresentava maneiras

ríspidas contra qualquer aproximação da rapariga; queixava-se de tudo, pois nada lhe parecia bem feito ou de boa qualidade; refugiava-se, durante o dia, nos mais vis prostíbulos da cidade e chegava em casa tarde da noite, completamente ébrio e raivoso, com disposições de espancar a nossa protagonista, mesmo sabendo que ela estava grávida de um filho seu.

Diante das intempéries que lhe atordoavam, Hortência ainda teve um ímpeto de tentar transformar a situação adversa na qual se encontrava, mas esse arrojo não perdurou por mais de um lapso de tempo:

Não seria bastantemente enérgica, independente, para atirar a carga para trás das costas, libertar-se daquela sujeição a que pretendia forçá-la o amante? Tinha ele por ventura incontestáveis direitos à escravização do seu corpo e da sua alma, para assim humilhá-la, estúpido e cruel, numa ardente excitação de maus instintos despertados? Essas reflexões, porém, tinham a momentânea duração das resoluções dos tíbios: lucilavam-lhe na mente um instante, iluminando-a toda como um belo clarão de apoteose teatral; breve, porém, extinguíam-se gradualmente, até se estabelecerem de novo os trevosos negros da mais profunda e desanimada tristeza. A sua desgraça passara em julgado no tribunal eterno daquele velho Deus colérico e inflexível, que a sua fanática beatice fantasiava rodeado de inumeráveis condenações: devia submeter-se à vida que lhe tratasse o irmão, pois seria ela o castigo do seu hediondo incesto (CARVALHO, 1997, p. 156).

Da primeira vez em que se deixou levar pela própria sorte, Hortência entregava à sua própria vontade, aos seus próprios desejos e à sua própria paixão, pois Lourenço, ainda que fosse o seu irmão e – sobretudo – o responsável pela violação da sua castidade, era o homem pelo qual a rapariga estava apaixonada. Podemos perceber, no entanto, que, da segunda vez em que se entregou ao seu destino, a enfermeira não concebia mais a vida ao lado do irmão com alegria e prazer, mas sim como um castigo divino por ter se envolvido com Lourenço numa relação incestuosa.

Ao contrário de Magdá, que lutou sem êxito contra os seus desejos sexuais, Hortência entregou-se ao destino ao lado do irmão, aceitando dele todos os insultos e todas as agressões, completamente resignada. A jovem enfermeira, portanto, estava entregue às vontades e aos caprichos de Lourenço, pois esse mulato vadio e devasso – uma verdadeira personagem tipicamente naturalista – exercia sobre ela uma forte influência. Nesse sentido, é possível afirmarmos, a partir dos apontamentos

de David Baguley, que Hortência é uma “espectadora” da sua própria vida, pois, em nenhum momento, luta para tentar mudar a sua sorte e, além do mais, revela-se passiva em relação a todos acontecimentos adversos que lhe rodeiam. A mulata, pelo contrário, aceita o destino como uma punição pelo envolvimento amoroso com o próprio irmão.

Desse modo, podemos afirmar que a relação que as protagonistas dos romances **O homem e Hortência** estabeleceram com os fatores externos (sociais) e internos (biológicos) é muito diferente, pois, enquanto Magdá – representante do naturalismo trágico – refugia-se na religião para tentar em vão evitar os pecados da carne, Hortência – expoente do naturalismo da desilusão – entrega-se, a princípio, ao destino e aceita a relação amorosa com o próprio irmão, pois percebe que não havia mais nada que pudesse fazer para impedir a realização dos seus próprios desejos. Depois de se deparar com o lado mais perverso de Lourenço, a rapariga se deixa levar novamente pela sorte, mas, dessa vez, conforma-se com o fardo que precisa carregar.

Assim como ocorre no enredo das obras de Aluísio de Azevedo e Marques de Carvalho, as personagens Magdá e Hortência, embora apresentem muitas características em comum, são muito diferentes entre si, pois pertencem a classes sociais avessas, possuem níveis de instrução díspares, posicionam-se diante do destino a partir de perspectivas distintas e relacionam-se com o meio em que vivem de maneiras diversas. Dessa forma, não convém afirmarmos que Magdá se constituiu como o modelo a partir do qual se originou Hortência.

As histórias literárias e alguns críticos literários, de modo geral, têm propagado há mais de um século o discurso de que **Hortência** – assim como **A carne e O cromo** – é uma repercussão de **O homem**, sem promover um estudo mais apurado, para que possamos compreender essa questão um pouco mais a fundo. Não podemos negar, com efeito, que entre os romances de Aluísio de Azevedo e de Marques de Carvalho, assim como entre as protagonistas Magdá e Hortência, existem muitas semelhanças, mas avaliamos que as diferenças são ainda maiores e mais acentuadas, de tal modo que é muito forçoso assegurarmos que **O homem** é o molde ou a matriz de onde se originou **Hortência**, do mesmo modo como também é muito forçoso assegurarmos, como bem afirma Temístocles Linhares (1987), que as protagonistas dessas duas obras são irmãs gêmeas. Nesse sentido, percebemos que

analisar a **Hortênc**ia, de Marques de Carvalho, como uma repercussão d**O homem**, de Aluísio de Azevedo, é minimizá-la, pois a descaracterização e, ao mesmo tempo, a generalização subtraem ou até mesmo apagam suas peculiaridades, sua essência e, sobretudo, sua identidade literária.

Referências

AZEVEDO, A. de. **O homem**. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Garnier, 2003.

BULHÕES, M. **Leituras do desejo**: o erotismo no romance naturalista brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BAGULEY, D. **Le naturalisme et ses genres**. Paris: Nathan, 1995.

CARVALHO, M. de. **Hortênc**ia. Belém: Cejup/Secult, 1997.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: leitoras, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

LINHARES, T. **História crítica do romance brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. 3 vols.

MENDES, L. **O retrato do imperador**: negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. As qualidades da incorreção: o romance naturalista no Brasil. In: MELLO, Celina Maria Moreira de; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira (Organizadores). **Crítica e movimentos do campo literário**: Configurações discursivas do campo literário. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

MOISÉS, M. **História da literatura brasileira**: realismo. São Paulo: Cultrix; da Universidade de São Paulo, 1985. 5 vols.

MOREIRA, E. O primeiro romance belenense. In: CARVALHO, Marques de. **Hortênc**ia. Belém: Cejup/Secult, 1997.

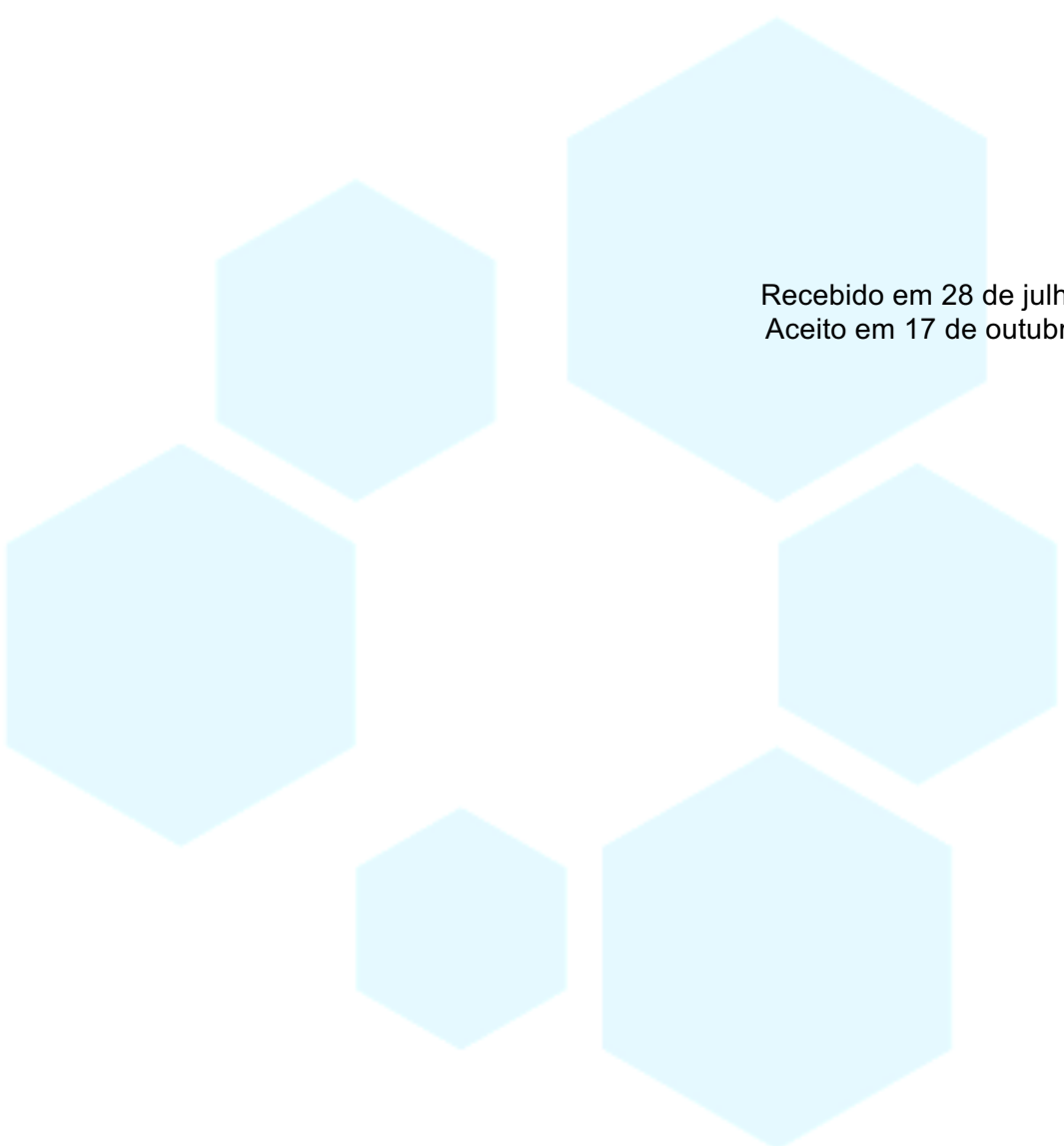
PEREIRA, L. M. **História da literatura brasileira**: Prosa de ficção (de 1870 a 1920). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ROMERO, S. **História da literatura brasileira**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1980. 5 vols.

SODRÉ, N. W. **História da literatura brasileira**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

STEGAGNO-PICCHIO, L. **História da literatura brasileira**. Trad. Pérola de Carvalho e Alice Kyoko. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

VERÍSSIMO, J. O romance naturalista no Brasil. In: BARBOSA, J. A. (Org.). **José Veríssimo**: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.



Recebido em 28 de julho de 2016
Aceito em 17 de outubro de 2016